

CRÍTICA ECOLÓGICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PIONEIRA

ANTONIO CARLOS PORCIUNCULA SOLER¹; EUGÊNIA ANTUNES DIAS²;
FRANCISCO QUINTANILHA VERAS NETO³

¹FURG/PPGEA – acpsoler@gmail.com

²Centro de Estudos Ambientais (CEA) – eugeniaad@gmail.com

³FURG/PPGEA – quintaveras@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Fruto da combinação entre a militância ecológica e doutorado em andamento, a presente pesquisa busca realizar uma reflexão acerca da crise ecológica e seus impactos paradigmáticos no ambiente, como a proliferação de situações de injustiça ambiental, própria da desigualdade capitalista de classes e do antropocentrismo vigente. Seu objetivo principal é analisar a contribuição do movimento ambiental/ecológico, através de sua luta, na produção da Educação Ambiental (EA) como possível caminho para busca da superação da crise, materializada na opressão da natureza humana e não humana pelo capital.

A EA não é monolítica e, assim, não será qualquer EA capaz de propor e levar a uma possível superação dessa crise, mas, sim, aquela produzida a partir e por dentro das lutas sociais, contra toda e qualquer opressão humana e não humana (DIAS, 2014).

Importa destacar que tal crise, alimentada por um imaginário e por uma prática economicista e antropocêntrica, é complexa e de caráter multidimensional pois, além do colapso ambiental alardeado e de inegável origem econômica, a mesma se manifesta na esfera social, política, cultural e, claro, no campo da Educação. Em síntese, é “uma crise global na relação humana com a terra” (FOSTER, 2005) e, para melhor compreendê-la, a pesquisa se refere em autores que abordam as relações entre a luta de classes e o iminente colapso ambiental, como Löwy (2005), Foster (2005), Pepper (1996) e Gonçalves (2004).

Ao abordar a luta ecológica para a transformação societária, destacadamente via a EA, a pesquisa resgata e analisa aspectos históricos da ecologia política idealizada e praticada pela organização não governamental (ONG) Centro de Estudos Ambientais (CEA), atuante desde meados da década de 1970, no sul do Rio Grande do Sul, inicialmente no município de Rio Grande/RS, marcado por um modelo de desenvolvimento baseado na industrialização e na atividade portuária. O estudo investiga a relação entre o contraponto do movimento ambiental/ecológico através da EA à lógica destrutiva pelos impactos e poluição inerentes ao modelo desenvolvimentista/industrial aos ecossistemas pampeanos e costeiros (como dunas e banhados) e igualmente agressiva ao ambiente urbano, aos trabalhadores e à população em geral.

2. METODOLOGIA

“A natureza existe independente de toda a filosofia. Ela é o alicerce sobre o qual nós, seres humanos, nós mesmos produtos da natureza, crescemos. Nada existe fora da natureza” (FOSTER, 2005, p.160). A natureza é material, porém não é estática, está em constante transformação, assim como as relações sociais, alheias a ideia que fazemos dessa realidade. Dessa forma, está em risco a subsistência de uma sociedade que despreze de tal ordem o ambiente que o leve

a uma ameaça de colapso, como o faz o modelo capitalista. Portanto, é no ambiente (natural ou já modificado, poluído, degradado...) que a sociedade se estabelece e as relações sociais se dão em constante movimento e contradição.

Só a dialética, defendia Aristóteles e Marx, pode oferecer instrumentos indispensáveis para se entender a essência dos fenômenos (KONDER, 2008). Assim, a presente pesquisa, se vale de uma leitura crítica, de forma necessariamente dialética, no âmbito do materialismo histórico e da natureza (FOSTER, 2005), pois essa é o palco onde se desenvolve os conflitos, as lutas e, igualmente, as possíveis esperanças de transformação do real. Por entender que a “dialética constitui-se, até hoje, no paradigma mais consistente para a análise do fenômeno da educação” (GADOTTI, 2005), a presente investigação pauta-se, igualmente, por uma metodologia referenciada numa abordagem dialética, baseada no pressuposto de que sociedade e natureza compõe uma única totalidade histórica e interdependente, não tendo preocupação somente com a qualidade formal dos métodos, mas que, da mesma forma, detenha-se sobre os objetivos com qualidade política e acadêmica. Nessa perspectiva que a pesquisa se desenvolvera e poderá atingir seus fins.

Será realizada (em parte já o foi), para demonstrar o estado da arte sobre o tema, uma revisão bibliográfica atenta, pois assim exige os diversos enfoques das categorias necessárias para perseguir o objeto investigado. A pesquisa documental também é empregada, tendo como fontes principais livros e trabalhos acadêmicos já publicados; documentos relevantes provenientes do movimento ecológico, manifestações referentes à temática publicadas na rede mundial de computadores (*internet*) e em jornais locais e periódicos, bem como normas legais pertinentes a EA.

A análise empírica será balizada pelo agir social do CEA, um grupo que deu início ao movimento ambiental/ecológico na década de 1970, conforme descrito em epígrafe. Para tanto, serão analisadas as atas de suas reuniões e outros documentos produzidos. Serão coletados dados e informações em relação a atuação do CEA juntos aos militantes selecionados conforme os objetivos da presente pesquisa e a possibilidade de cada um, bem como às representações de atores envolvidos no processo democrático ambiental, como representante dos Conselhos de Meio Ambiente e educadores ambientais, através da técnica da entrevista, de forma a buscar representar uma amostra capaz de traduzir como a EA é encarada e desenvolvida no CEA e para que fim.

Serão analisadas, com destaque para a EA, as publicações do CEA como livros e Boletins Informativos impressos, assim como sua versão eletrônica, o conteúdo de sua *home page*, do blog, bem como da sua página no Facebook, pois todos apresentam informações sobre a temática ambiental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados não são finais, tendo em vista que a pesquisa esta em desenvolvimento. Contudo, é possível constatar que a Educação Ambiental Não Formal (EANF) teve seu início na década de 70, a partir das iniciativas do CEA, notadamente pela publicação das chamadas Crônicas Ecológicas nos jornais de circulação local, quando um pensamento analítico e crítico em relação ao processo de industrialização de Rio Grande foi materializado. Os textos elaborados e publicados pelos membros do CEA tinham claro propósito de promover uma EA, assim como grande parte de suas ações, que exaltavam e perseguiam uma consciência e ecológica comunitária.

O uso de artigos elaborados pelos militantes do CEA e publicados em jornais, foi não só uma forma de buscar chamar a atenção para a luta ecológica, mas igualmente uma indiscutível expressão da EANF.

Dessa forma, através das crônicas publicadas pelo movimento ecológico que emergia, a EANF se traduzia na problematização e, concomitantemente, numa proposta de transformação, em determinada medida, da realidade, como por exemplo, atinente à poluição atmosférica constatada.

Além da revisão bibliográfica e estudo da legislação relativa vigente, esta sendo desenvolvida pesquisa em documentos dos arquivos do CEA.

Próxima fase será a realização das entrevistas, concomitante com a continuidade da análise de documentos e revisão bibliográfica.

4. CONCLUSÕES

A visão antropocêntrica de natureza, construída historicamente e presente no modelo hegemônico de sociedade, portanto, inserida na economia, se apresenta como uma das bases da crise ecológica, que é, em última instância, o colapso da civilização capitalista, pois carrega um antagonismo insuperável entre crescimento econômico e limites físicos da Terra.

Nesse caos, a industrialização, um dos motores do capitalismo, também motivou o surgimento da luta ecológica planetária e local, a qual se opõe aos padrões atuais injustos de produção e consumo, cujas estratégias iniciais de ação lançaram as bases para a EANF, em meados do século passado. Posteriormente, a lei ambiental reconheceu tais ações como formas de materialização da EANF, através da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

No caso do município de Rio Grande, o projeto de crescimento econômico imposto, não só levou ao incremento da industrialização, com efeitos sociais e ambientais negativos, como igual e contraditoriamente, contribuiu para o surgimento do movimento ecológico, notadamente através da organização em torno de um coletivo que viria a se transformar no CEA. Suas ações, como artigos publicados em jornais e protestos promovidos contra a poluição atmosférica e outros impactos ambientais, conquistaram espaço na mídia, colaborando para a promoção e o desenvolvimento da EANF no plano local.

Assim, o CEA não só institucionalizou o movimento ecológico na região sul do RS, mas, conseqüentemente, praticou a EANF de forma pioneira.

Contudo, a transformação da sociedade não será possível somente pela EA, mas, sim, de forma associada a outras medidas, como a mudança de sua base material. Dessa forma, importa ter claro qual EANF se propõe a transformar a sociedade, ou seja, combater as injustiças sociais e as degradações ambientais, e qual cumpre um papel mantenedor dessa realidade que oprime a vida humana e não humana.

Portanto, conclui-se que a EANF, que visa uma mudança societária deve combater o paradigma capitalista/antropocêntrico, tendo, no mínimo, um duplo papel: superar a crise social e a ecológica, desoprimindo a vida humana não humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEA. **Publicações: Algumas Nossas**. Blog do CEA, Pelotas, 24 abr. 2016. Acessado em 24 abr. 2017. Online. Disponível em: http://ongcea.eco.br/blog/?page_id=11

DIAS, E. A. **Desculpe o Transtorno, Estamos em Obras para Melhor Servi-Lo! A Educação Ambiental no Contexto da Apropriação Privada da Natureza no Licenciamento Ambiental**. 2014. 248f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Curso de Pós-Graduação em Educação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande.

FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx. Materialismo e Natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GADOTTI, M. Pedagogia da Práxis. In: MMA. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA. 2005. Cap.22, p.239-244. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros.pdf

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2004.

KONDER, L. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LÖWY, Michael. **Ecologia e Socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

PEPPER, David. **Ambientalismo Moderno**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.